

JOSÉ REDINHA

Esboço de classificação das máscaras angolanas



Separata da revista «Mensário Administrativo», n.ºs 173 a 182, de 1961

JOSÉ REDINHA

Esboço de classificação das máscaras angolanas



Esboço de classificação das máscaras angolanas

(Quadro ordenativo)

I — Ciclos ou áreas angolanas de cultura da máscara

- 1 — Padrões mais típicos
- 2 — Estratos e correlações culturais
(Quadro dos ciclos da cultura angolana da máscara)

II — Páleo-cultura e neo-cultura da máscara

- 1 — Coexistência e evolução de padrões
- 2 — Variedades
- 3 — Aculturação
(Quadro de variedades e aculturação)

III — Classificação das máscaras quanto a ciclos e padrões superiores

- 1 — Classificação morfológica quanto aos ciclos
- 2 — Classificação da máscara angolana no conjunto africano da máscara

Esboço de classificação

- 1 — Ciclos ou áreas angolanas de cultura da máscara
 - 1 — *Padrões mais típicos*

As actuais máscaras angolanas oferecem no panorama da sua distribuição e relação de estágios evolutivos entre si, um triplo ponto de vista a sistematizar, respectivamente, como segue :

- a) Zonas típicas mescladas e interpenetradas por elementos atípicos ao seu padrão.
- b) Modelos acomodados e associados. Alterações.
- c) Estratos ou níveis da escala evolutiva, reciprocamente influenciados.

A interpenetração explica-se pela natural mobilidade das culturas e pelas suas correntes, as quais correspondem, em muitos casos, às migrações de povos, agentes veiculares dessa distribuição.

As acomodações, associações e alterações provêm do contacto, consórcio e cópia de modelos, praticada reciprocamente pelos diversos povos.

A sobreposição de estratos determina-se pela existência de elementos distintos entre si e sucessivamente mais evoluídos, na escala vertical da sua relação.

Nestes termos, a mobilidade cultural da máscara manifesta-se em todas as dimensões.

Definindo e limitando, o que é sempre difícil, mas indispensável às sistematizações etnográficas da Província, fixem-se em três, nesta síntese, os estratos mais evidentes, a saber:

- a) Estrato inferior dum a antiga cultura, representada pelas máscaras de cordoalha e entrecascos ou de entrecasca ou líber. A sua área de expansão principal determina-se no Centro e Sul da Província, ramificando-se.
- b) Estrato intermédio, ou média cultura, constituído por máscaras de entrecascos preparadas, com faces de resina moldada, assentes sobre armações de varas. Tem como domínio principal o Centro e o Nordeste de Angola.
- c) Estrato superior ou da nova cultura, expresso por máscaras de madeira cavada e esculpida. Tem como zonas mais importantes o Centro, o Nordeste e o Norte da Província.

Dum ponto de vista de execução e particularidade artística, nota-se que as máscaras do estrato inferior, ou mais antigas, são obra de manufactura relativamente simples, (Figs. 1 e 2).

No estrato seguinte ou intermédio há a notar a face de resina moldada directamente, a qual se apresenta como um passo a caminho da máscara de madeira esculpida do estrato superior, e ainda o facto das abas e peças acessórias da máscara de resina serem totalmente cobertas por pinturas decorativas de tipo geométrico, obtidas pela aplicação de argilas coloridas e variadas (Figs. 3 e 4).

O estrato superior ou mais recente, da nova etapa da máscara, integra-se na cultura dos escultores de madeira, participando dos estilos das escolas de escultura africana e atingindo muitas vezes realizações de elevado mérito (Figs. 5 e 6).

2 — Estratos e correlações culturais.

Se é certo que uma fase cultural traz sempre em si marcas da cultura que a precedeu, certíssimo é o princípio confirmar-se nesta análise das culturas angolanas da máscara.

Realmente, o citado estrato intermédio da máscara reata-se ao anterior, pelo uso de entrecascos ou líber, e pela arte de encordoados e entrecascos de fibras vegetais. O estrato superior, por sua vez, tendo, embora, como elemento caracterizante a face de madeira esculpida, não deixa de usar, complementarmente, abas, mangas, armações, chapéus armados, mitras e toucados do tipo dos toucados postiços, ornados e pintados, do estrato intermédio já referido, e até pinturas geométricas nas faces de madeira, como se verifica nas máscaras do médio Cuango.

Estas correlações culturais de matérias primas e de forma, apenas desaparecem nos padrões mais evoluídos do estrato superior da nova cultura da máscara plena, onde a representação do toucado abandonou o recurso de arte aplicada do toucado postiço, trocando-o pelo processo escultórico do entalhe. Só aqui a máscara (encaminhada aliás para um senso mais lato) tomou independência escultórica, a bem dizer a sua emancipação. É, todavia, a forma mais rara, e apenas registada nos centros vitais entre os Maiacas e os Luenas, no médio Cuango e no Alto Zambeze, respectivamente.

Fig. 1—Lunda e Alto-Zambeze

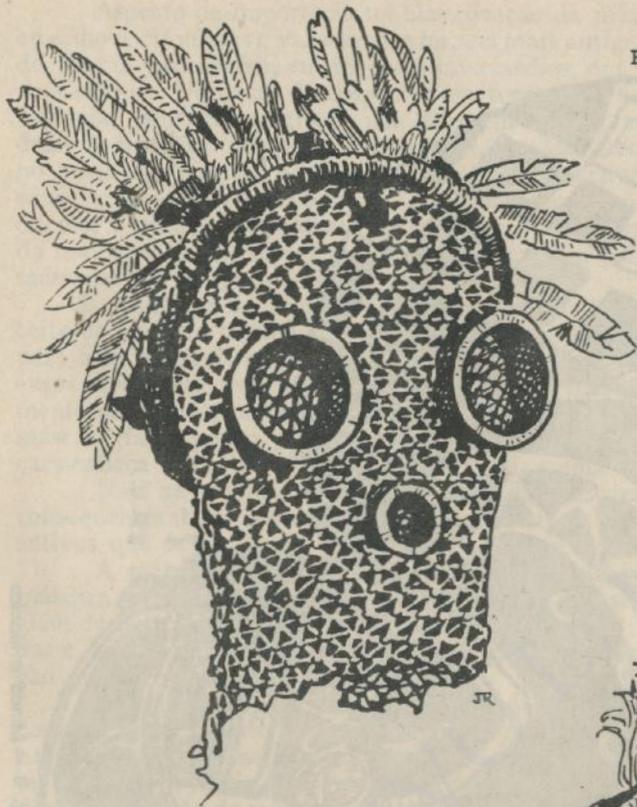
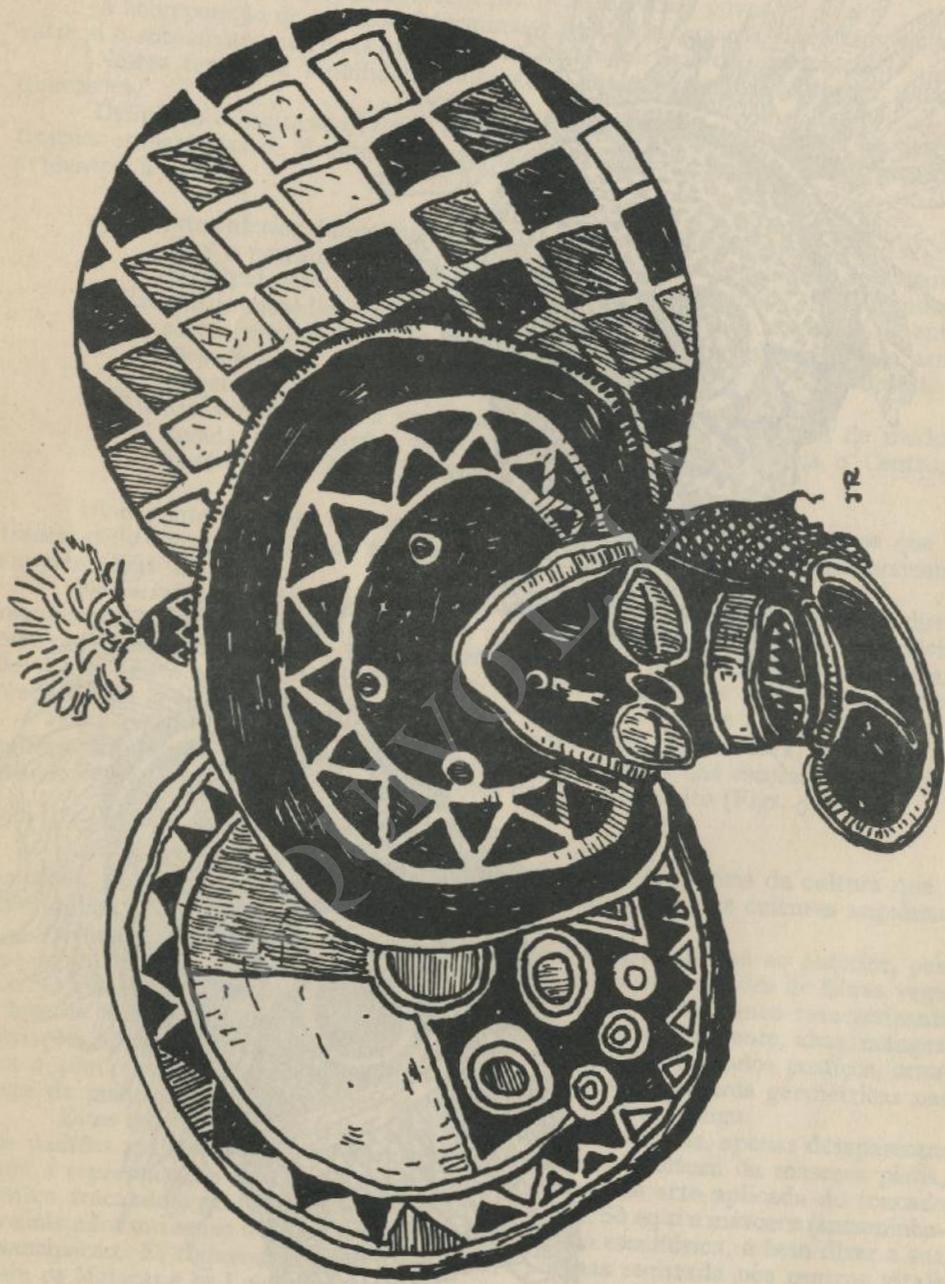


Fig. 2—Sul de Angola
(Menongue)





JR.

Fig. 3 — Lunda e Moçico

Aspecto de importância na classificação da máscara é o das aberturas oculares ou «olhos», circulares e vazados nas formas mais antigas, em hemiciclo, ou em crescente de pontas para baixo, em modelos intermédios, em forma de pálpebras semicerradas no Centro e Nordeste de Angola e em tentativas realísticas nas máscaras maiacas. Todavia, pormenor curioso, nas faces de resina moldada e em grande número delas de madeira esculpida, as representações dos olhos propriamente ditos, situam-se no meio de amplas depressões orbitárias, subcirculares, que se afiguram assim como testemunho de rotina, do antigo, decerto remoto processo da grande órbita circular e vazada, da máscara de cordoalha ou de líber do primeiro estrato da cultura da máscara, já referido. Tal facto depõe também para a sucessão e a hierarquia das máscaras no tempo, conforme as expressámos.

Os esquemas de evolução indicados e a indicar dizem-nos também que o conceito de máscara tendeu a evoluir da face simples e restrita, a máscara por excelência, para a forma mais ampla da cabeça, encaminhada para o relevo pleno. Testemunha, expressivamente, esta afirmação, o facto das orelhas das máscaras-cabeça serem geralmente diminutas, pretexto a bem dizer para pendurar adornos (como se verifica na máscara face, pouco profunda, quase frontalizada), como se acaso na ampla máscara-cabeça ainda não houvesse espaço para uma orelha mais desenvolvida.

Mais se verifica que a expansão da máscara-face para máscara-cabeça foi consequência das culturas artísticas dos escultores de madeira, pois é nos seus centros activos que se localizam os padrões mais desenvolvidos.

A máscara de cordoalha, que situamos na base dos estratos da cultura da máscara angolana, e assim, implicitamente, na situação de padrão mais remoto, além de outros caracteres de arcaísmo apresenta este: O das aberturas oculares redondas e debruadas por um aro geralmente pintado de branco, serem uma próxima imitação do rosto pintado do primitivo.

Os caçadores savânicos de Angola, detentores dum fundo de usos paleolíticos, contam, entre outros, o de contornarem os olhos com uns círculos de argila branca, na prática de alguns dos seus ritos. O mesmo fazem os adivinhadores para verem melhor e mais longe. Isto parece encaminhar-nos, etnograficamente, para os primórdios da invenção da máscara, aparelho de rito por excelência, cuja manutenção formal, especializada, se impunha, à medida que a instituição do sobrenatural dirigido tomava vulto na mentalidade metafísica do homem remoto.

Definindo e limitando com vistas a uma base de classificação, vamos fixar os ciclos das culturas angolanas da máscara no seguinte quadro:

a) Antiga cultura da máscara:

- 1 — Máscaras de cordoalha (aberturas orbitárias circulares).
- 2 — Máscaras de entrecasca ou líber.
Centro e Sul da Província. Reminiscência duma antiga cultura florestal. Artesanato de fibras vegetais.

b) Média cultura da máscara:

- 1 — Máscaras de entrecasca ou líber com faces de resina moldada.
- 2 — Máscaras de entrecasca ou líber com faces rudimentares de madeira.
Casos esporádicos de máscaras moldadas em cera de abelha (aberturas oculares em hemi-ciclo e em fenda).

Nordeste e Centro da Província. Reminiscências de cultura florestal, associadas com o decorativismo colorido, savânico, tendendo aos processos morfológicos das culturas de escultores.

c) Nova cultura da máscara :

- 1 — Máscaras de madeira esculpida, compostas e ornadas com elementos das culturas anteriores.
- 2 — Máscaras de madeira esculpida, monobloco, orientando-se para a forma total da cabeça.

Médio Cuango, Nordeste e Centro da Província. Reminiscências atenuadas de cultura florestal em alguns modelos. Cultura savânica e de escultores, com modelos emancipados, tendendo à forma plena da escultura (aberturas oculares em fenda (pálpebras) e representação dos olhos).

II — PALEO-CULTURA E NEO-CULTURA DA MÁSCARA

I — *Coexistência e evolução de padrões.*

Como seria de esperar, uma vez que uma cultura espontânea não traz, por norma, a eliminação dos precedentes, verifica-se uma coexistência de diversos padrões de máscaras. Mais se observa, também, o princípio com força de lei, de serem as formas mais arcaicas as mais adstritas aos ritos e práticas sociais-religiosas.

As culturas que deixamos classificadas são duma concepção acentuadamente antropomorfa, não obstante a existência de casos zoomorfos anteriormente apontados. Perduram, também, reminiscências de bifaces e tricéfalos. Isto parece indicar que a paleo-cultura da máscara seria já essencialmente antropomorfa, algo mitológica (com prováveis traços de totemismo, não obstante que pouco explícitos em Angola).

No entanto, são escassos os elementos capazes de deporem suficientemente sobre o que se poderia designar de pré-história da cultura da máscara.

Conforme o Quadro dos Ciclos das Culturas Angolanas da Máscara, anteriormente apresentado, tomamos como a mais antiga expressão de máscara, na Província, a máscara de cordoalha com aberturas oculares redondas, e como mais recente e evoluida a máscara de madeira esculpida, monobloco, cujos padrões típicos se localizam nas escolas do Alto-Zambeze e do médio Cuango. Caracteriza-as a tendência para as formas plenas da escultura e a representação dos olhos. Deste padrão nos ocuparemos adiante, para completarmos o presente esboço com uma classificação das fases da máscara de madeira, e também dos seus melhores modelos, no quadro geral das máscaras africanas da África Negra.

Entretanto, devemos assinalar, no conjunto das máscaras da Província, dois aspectos ou grupos a considerar, e que designamos de variedades e aculturações.

2 — *Variedades.*

Sob a designação variedades incluem-se máscaras deturpadas ou muito transformadas que, não tendo criado um tipo relativamente estável, não traduzem, por outro lado, o padrão de que derivaram.

Fig. 4 — Alto Zambeze

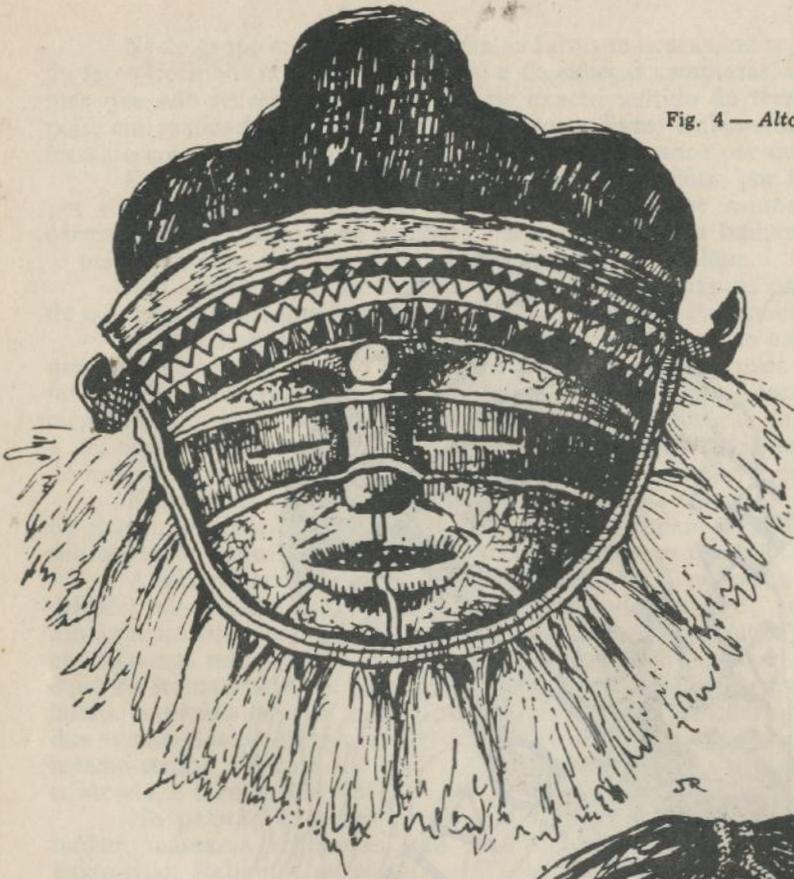


Fig. 5 — Alto Zambeze

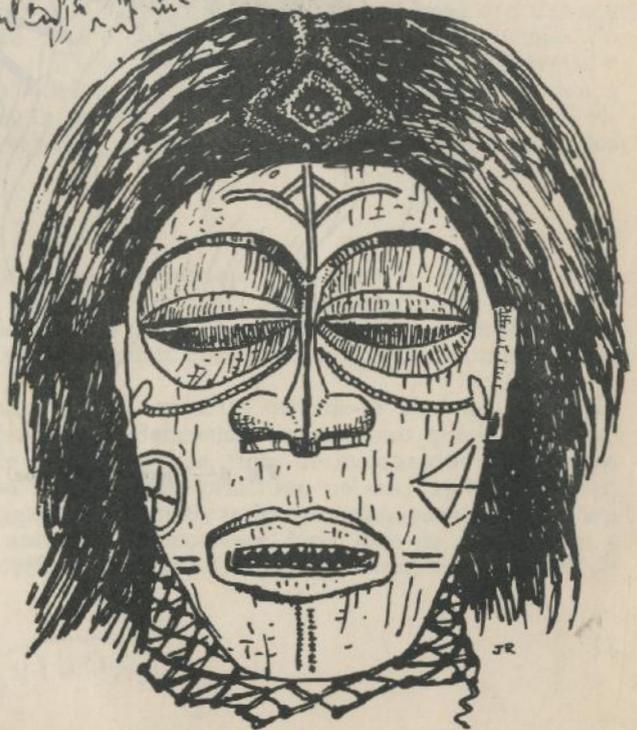




Fig. 6 — Cuango (Maiacas)



Neste grupo se incluem também as falsas máscaras, ou sejam as representações de faces (focinhos no caso de animais) e de cabeças completas, usadas por bailarinos, mas que não servem para mascarar no exacto sentido do termo. Simulam apenas, pois, em realidade, o mascarado leva o rosto livre, embora oculto na carcaça que forma o corpo da falsa-máscara. Trata-se de mascarados por definição.

Este método explica-se, nos casos que conhecemos, por impossibilidade. Seja, por exemplo, não ser possível ao bailarino ajustar-se a uma máscara de pescoço excessivamente longo e da grossura normal do pescoço humano. O mesmo se diga, e pelo mesmo motivo, com vista à simulação dum antílope.

Sob a designação variedades, se podem incluir alguns padrões indiferenciados de culturas mistas, que surgem em diversas zonas da Província.

A semelhança dos mascarados por definição, também existem máscaras, pois que, embora usadas sobre o rosto pelos seus bailarinos, simples figurantes ou actores mascarados, não traduzem qualquer forma de face ou de máscara, no sentido tradicional do termo. Limitam-se a uma simples viseira de varas ou de fibras, ou mesmo a um envólucro de folhas, cascas ou ramos. Pode até resumir-se a uma simples rede de malha, do modelo que veste o corpo do bailarino, envolvendo-lhe a cabeça.

Encontram-se finalmente mascarados usando apenas uma espécie de casco ou chapéu, ou simplesmente umas abas ou palas. Podem agrupar-se, indistintamente, sob qualquer daquelas designações de falsas-máscaras ou de máscaras por definição.

Ainda relativamente às culturas mistas, há a notar que apresentam limites difusos, não obstante alguns centros caracterizados entre o Cunene e o Cuando. Aí, misturadamente com a máscara de cordoalha de aberturas orbitárias circulares, encontramos máscaras de madeira rudimentares, submetidas a um acentuado princípio de frontalidade, de olhos em hemiciclos ou em meio crescente de pontas para baixo, tomando posição intermédia entre os «olhos» circulares e os olhos em fenda das escolas dos escultores do Centro e do Nordeste de Angola. Ali se misturam, ao mesmo tempo, mascarados que traduzem influências ora de matriarcado ora de patriarcado, e formas dos estilos de mascarados do médio-Cuango.

No pelotão daquelas personagens folclóricas de entre o Cunene e o Cuando bailam máscaras zoomorfas, não raro estranhamente evocadoras de esquemas do baixo-Nilo. Relíquias de zoolatria? De totemismo? Podem aceitar-se influências e convergências de vária ordem, não determinadas, nelas incluídas uma sorte de dança cervical que imprime a uma ampla romeira apertada em torno do pescoço um vigoroso movimento rotativo de vai-vem, igual ou muito idêntico ao de mascarados Aregue (Tuaregue).

3 - *Aculturação.*

No que se refere à aculturação da máscara, encontramos, principalmente, a adopção do Carnaval pelos nativos angolanos. Este uso, importado pelos Portugueses, deparou plena aceitação entre os povos angolanos, onde a existência da máscara e de mascarados se achava profundamente enraizada, mercê de costumes muitas vezes seculares.

A zona típica desta aculturação da máscara estende-se ao longo da faixa costeira angolana, desde os Cabindas aos Benguelas. Se notarmos que esta aculturação do Carnaval manteve, até aos nossos dias, tipos de mascarados alusivos aos grandes personagens, neste caso reis, rainhas, príncipes, nobres, capitães do mar, etc., devemos admitir que as antigas culturas nativas desta extensa zona consagravam máscaras ao culto de chefes e antepassados notáveis, facto este de acordo com a dignificação e divinização da chefia, ao modo das culturas superiores, nobres, do

oriente africano, como por exemplo a rodesiana, cujo domínio abarcou de forma evidente as sociedades de formação conguesa e sub-conguesa, e também as dos antigos Ambundos.

Nestes termos, os nossos quadros de classificação podem aumentar-se deste modo:

Quadro de Variedades e Aculturação

a) Variedades (toda a Província):

- 1 — Falsas máscaras
- 2 — Máscaras por definição
- 3 — Modelos de cultura mista.

b) Aculturação (zona costeira em especial):

- 1 — Adaptação do Carnaval.

Estas máscaras participam das velhas culturas florestais e savânicas e da cultura ocidental, introduzida pelos Portugueses.

Uma classificação é sem dúvida mais rica quanto mais atender ao domínio interno, o qual, em parte importante, influi nas formas externas do objecto. Estas, no entanto, mercê do mérito artístico da realização, podem tomar por si próprias uma importância que se impõe, com a vantagem de ser ponderável e daí susceptível de exame imediato.

Por este motivo, um método eclético é sempre recomendável, dissecando-o embora na medida do possível, com vista à obtenção da síntese.

As máscaras angolanas poderiam ser classificadas por diferentes vias, como fossem as significações, a matéria prima, o processo de artesanato ou o estilo de arte empregado, o regime social a que correspondem, etc., apurando-lhes assim uma característica específica a cada grupo ou mesmo a cada padrão.

Para este efeito, porém, seria indispensável uma análise ampla e profunda, estudo esse do maior mérito e a realizar quando possível, sem embargo, contudo de toda e qualquer tentativa de sistematização, sempre remodelável e que, por agora, fixamos como segue:

III — CLASSIFICAÇÃO DAS MÁSCARAS QUANTO A CICLOS E PADRÕES SUPERIORES

I — *Classificação morfológica quanto aos ciclos.*

No quadro dos ciclos das culturas mais típicas, estabeleceram-se três agrupamentos principais, segundo um critério de sucessão, de matéria prima e de proveniência cultural.

Incidindo sobre a forma, com abstracção dos restantes factores, verificamos que o modelo fundamental é a figura humana, podendo aos três ciclos ou estratos aplicar-se, simplesmente, as classificações de:

- Paleo-antropomorfas
- Meso-antropomorfas
- Neo-antropomorfas

MÁSCARAS DE MADEIRA

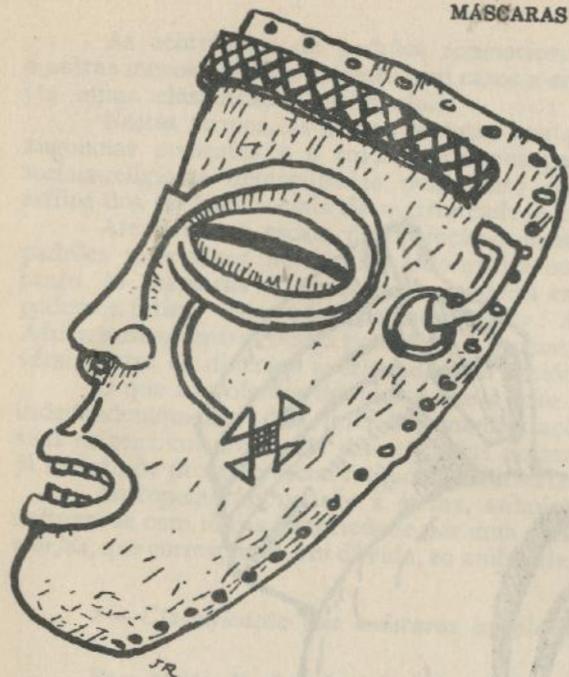


Fig. 7 — Lunda

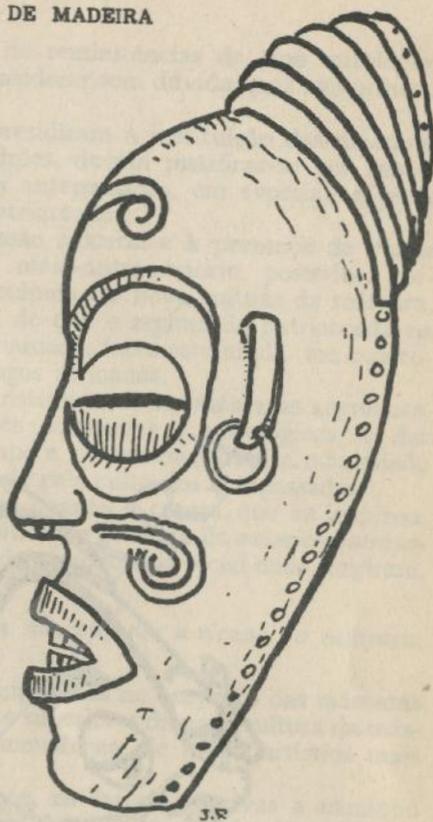


Fig. 8 — Lunda

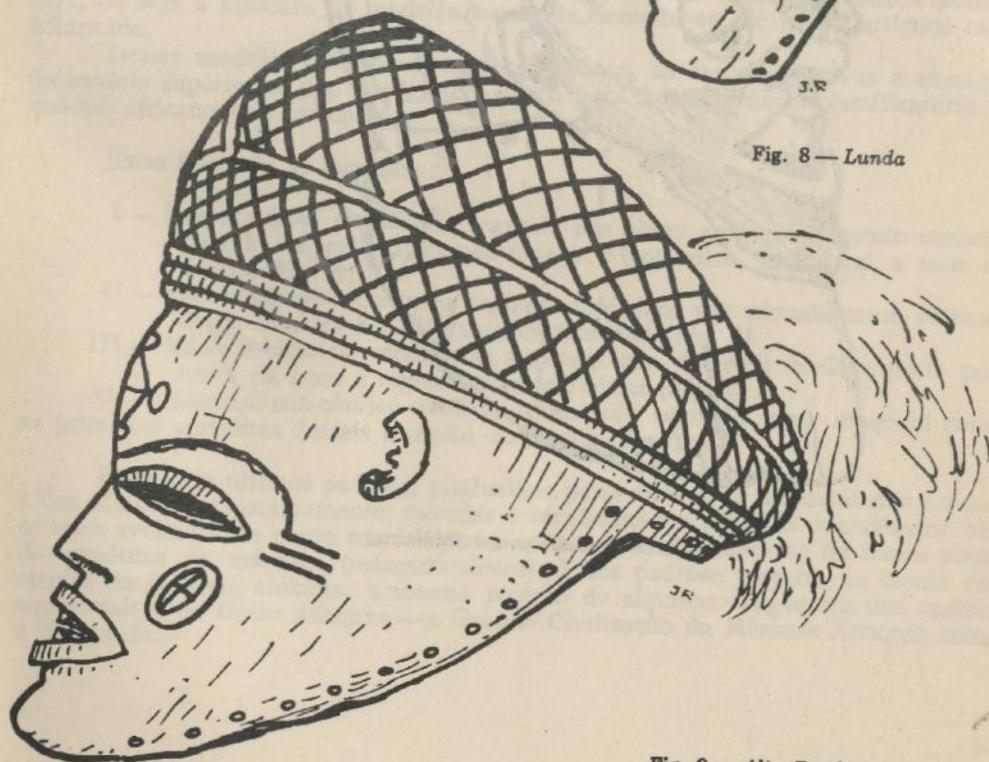


Fig. 9 — Alto Zambeze



Fig. 10 — Rio Cuango (Maiacas)

As ocorrências de padrões zomoorfos, de reminiscências de tipo mitológico e outras menos definidas, constituem casos a considerar sem dúvida, mas não influem numa classificação de fundo.

Nestes termos, as causas remotas que presidiram à instituição das máscaras angolanas presentes, e à escolha dos seus padrões, devem justificar-se por razões sociais-religiosas determinadas pelo culto dos antepassados, em especial, e pelos estilos dos regimes sociais de matriarcado e patriarcado.

Atendendo à escala de evolução e sucessão cultural e à presença de vários padrões masculinos no escalão intermédio ou meso-antropomorfo, posterior, portanto, às máscaras de mulher de madeira esculpida da nova cultura da máscara, podemos retirar uma indicação interessante: A de que o regime de patriarcado na África austro-central tenha precedido o de matriarcado, facto este ainda em controvérsia entre os diversos averiguadores e sociólogos africanos.

O que não oferece dúvidas é que a base institucional das máscaras angolanas, independentemente das referidas manifestações zoomorfas e mitológicas, e das suas origens culturalmente diferenciadas no tempo e no terreno, assenta num fundo já remoto de processo social-religioso, caracterizado pelo culto dos antepassados.

Antropomorfas quanto à forma, animistas quanto à crença que as inspirou, definem-se com muita propriedade por uma classificação genérica de *anímico-antropomorfas*, que corresponde, em dúvida, ao ambiente de antropologia social onde surgiram.

2 — Classificação das máscaras angolanas no conjunto a ricano da máscara.

Para efeito de classificação das máscaras angolanas no conjunto das máscaras africanas, recorreremos, evidentemente, aos modelos superiores da nova cultura da máscara, ou seja à máscara de madeira esculpida, monobloco, de feição artística mais adiantada.

Desses modelos determinaremos, entretanto, as fases evolutivas a caminho do modelo superior, e por esse motivo eleito para a concorrência classificatória no quadro africano das máscaras:

Essas fases são as seguintes:

- I — Máscara-face, seccionada segundo um plano aproximadamente vertical, partido da região inframentoniana, e por outro, horizontal, a meio da frente (Fig. 7).
- II — Máscara-face, seccionada segundo um plano aproximadamente vertical, desde o *vertex* à região inframentoniana (Fig. 8).
- III — Máscara-cefálica, seccionada segundo uma diagonal desde a parte posterior da nuca à região inframentoniana (Fig. 9).
- IV — Máscara sub-cérvico-cefálica, seccionada segundo uma diagonal desde as primeiras vértebras dorsais à região clavicular (Fig. 10).

Estes dois últimos padrões, produzidos pelas escolas de máscaras dos Luenas e dos Maiacas, respectivamente, cavadas e esculpidas em madeira (monobloco), são os mais evoluídos do ponto morfológico e artístico, aproximando-se da forma plena da escultura da máscara (máscara-cabeça). Estes padrões tomam, na escala das escolas da máscara africana, a mesma posição de algumas congéneres dos centros equatoriais e do Oeste Africano — a Grande Civilização da Máscara Africana como é designado.

Acima destes padrões, encontramos as máscaras de bronze de Benin, as quais, e em sequência das nomenclaturas aqui adoptadas, podemos classificar de cervico-cefálicas. Há a notar que estas máscaras de bronze não servem para mascarar. São modelos altamente especializados, atribuídos de dignidade cultural em si próprias. Não devem, no entanto, deixar de ser consideradas como máscaras.

Nestes termos, os padrões superiores de máscaras de madeira angolanas ocupam um lugar importante no conjunto das máscaras da África Negra e das suas escolas.

Recapitulando, pode estabelecer-se o seguinte resumo :

Os ciclos ou áreas angolanas da cultura da máscara repartem-se por três regiões mais típicas, com misturas de modelos resultados de interpenetração e de sobreposições no tempo. (1). Apresentam variedades e uma vasta zona de aculturação resultada do uso do Carnaval introduzido com os Portugueses, a qual predomina ao longo de toda a faixa costeira da Província.

Os elementos mais primários correspondem a culturas muito antigas, e os mais recentes e evoluídos estão representados pelas máscaras de madeira esculpidas, com tendência para a forma completa da cabeça humana. As suas melhores realizações rivalizam com os modelos das grandes escolas da máscara de madeira esculpida da África Negra.

Finalmente, por razões de crença e de forma, atribuímos às máscaras angolanas, em conjunto, a classificação de anímico-antropomorfas.

(1) Nota cronológica : Com vista à fixação de pontos de referência, sempre necessários ao estudo das culturas angolanas, e a partir da correlação de algumas máscaras de patriarcado e matriarcado, com aqueles regimes, segundo os dados do etno-história, fixamos as cronologias aproximadas que seguem :

Para as máscaras masculinas de entrecasca, com faces de resina (patriarcado) da média cultura da máscara, uma data anterior à organização do estado dos Bungos ou Tubungos na Katanga Ocidental (Século XVI)

Para as máscaras femininas de madeira (matriarcado) da nova cultura da máscara uma data de aparecimento posterior à organização do estado dos Lundas no Katanga Ocidental (Fins do Século XVI, princípios do Século XVII.)

Para a aculturação do Carnaval pode prever-se, obviamente, o seu indício a partir do Século XVI.

Para os modelos da paleo-cultura da máscara angolana, limitamo-nos, por agora, a dizer, que são sem dúvida muito remotos.

Arranjo gráfico e
impressão



916
A3-05-Cx12